

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM PORTO ALEGRE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

NICOLAS EDUARDO LAU SOUZA

**O DIALETO PAJUBÁ COMO CÓDIGO LINGUÍSTICO-IDENTITÁRIO E DE
RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE LGBTI+ E NA ESCOLA:**

Existência, necessidade e estratégias de pertencimento

PORTO ALEGRE

2023

NICOLAS EDUARDO LAU SOUZA

**O DIALETO PAJUBÁ COMO CÓDIGO LINGUÍSTICO-IDENTITÁRIO E DE
RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE LGBTI+ E NA ESCOLA:**

Existência, necessidade e estratégias e pertencimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me. Gilmar de Azevedo

PORTO ALEGRE

2023

NICOLAS EDUARDO LAU SOUZA

**O DIALETO PAJUBÁ COMO CÓDIGO LINGUÍSTICO-IDENTITÁRIO E DE
RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE LGBTI+ E NA ESCOLA:**

Existência, necessidade e estratégias de pertencimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me. Gilmar de Azevedo

Aprovado em: 19/12/2023.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Me. Gilmar de Azevedo
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Dr. Vinícius Martins Flores
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Ma. Daniella Vieira Magnus
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

PORTO ALEGRE

2023

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Atuação em Rede Pública ou Privada	25
Gráfico 2 – Atuação em Níveis do Ensino Básico	26
Gráfico 3 – Tempo de Atuação na Docência	27
Gráfico 4 – Conhecimento sobre o Dialeto e sua Comunidade de Fala	28
Gráfico 5 – Alunos LGBTI+ em Sala	29
Gráfico 6 – Trabalho com a Variação Linguística	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASTRAL – ASSOCIAÇÃO DE TRAVESTIS E LIBERADOS

BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

EB – ENSINO BÁSICO

EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EM – ENSINO MÉDIO

ENEM – EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

LGBTI+ – LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS,
INTERSEXUAIS E DEMAIS MINORIAS SEXUAIS E DE GÊNERO

L.P. – LÍNGUA PORTUGUESA

UERGS – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

S729d Souza, Nicolas Eduardo Lau.

O dialeto Pajubá como código linguístico-identitário e de resistência da comunidade LGBTI+ e na escola: existências, necessidade e estratégias de pertencimento / Nicolas Eduardo Lau Souza – Porto Alegre, 2023.

44f., il.

Orientador: Prof. Me. Gilmar de Azevedo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; Curso de Licenciatura em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Unidade em Porto Alegre, 2023.

1. Dialeto Pajubá. 2. Educação Sociolinguística. 3. Comunidade LGBTI+.
I. Azevedo, Gilmar de. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Carina Lima CRB10/1905

AGRADECIMENTOS

Especialmente à minha mãe, por sempre incentivar o caminho do conhecimento e da leitura em minha vida, e apoiar minhas decisões;

À minha irmã e avó, por sempre estarem presentes em minha vida. E a toda família;

À Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, por possibilitar um ensino de qualidade, público e para todos, fomentando a discussão da ciência e da arte;

Ao Professor e Mestre Gilmar de Azevedo, orientador deste trabalho, por sempre acreditar no meu potencial e capacidades, e instigar a busca pelo conhecimento em suas aulas;

Aos demais professores do Curso de Letras, atuais e passados, por proporcionarem uma formação integral. Em especial, às Professoras Doutoras Ana Maria Bueno Accorsi e Magali de Moraes Menti, que se dedicam diariamente em prol do Curso;

À Camila Padilha, amiga sincera, que muito leu, revisou e contribuiu com a escrita deste trabalho, sempre com comentários pertinentes;

Aos colegas do Curso, por acompanharem e passarem pela mesma jornada. Em especial, aos amigos Luciane, Marcella, Charles, Taíne, Tamar, Yan, André, Lisi, Dhai, Juliana, Paula entre outros, por deixarem o cotidiano acadêmico mais prazeroso, divertido e leve, pelas risadas, momentos compartilhados e todo o apoio;

Enfim, a todos que estiveram presentes durante minha jornada acadêmica e que, de alguma maneira, contribuíram para que eu seja quem hoje sou.

“Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força - eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa. [...] E então eu soube: pertencer é viver.”

Clarice Lispector (1920-1977)

RESUMO

Este estudo reflete sobre o Dialeto Pajubá em sua interação com a Comunidade LGBTI+, e além, propõe intervenção em sala nas aulas de Língua Portuguesa, utilizando-se dele como estratégia para a prática de aquisição linguística, a fim de ampliar a comunicação dos alunos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, sugerindo estratégias de trabalho. O assunto emergiu como objeto de discussões após estar presente em uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e foi escolhido como *corpus* deste trabalho por possibilitar o sentimento de pertencimento à alunos LGBTI+ presentes nas escolas. Esta investigação revisa conceitos da Sociolinguística (como Variação Linguística e Preconceito Linguístico), para chegar à significação do Pajubá. Explora a origem deste código linguístico, sua relevância histórica e social, bem como sua presença na contemporaneidade, destacando como pode ser utilizado enquanto ato comunicativo e de expressão identitária. Os caminhos teóricos para pensar no *corpus* envolveram, majoritariamente, os estudos de Bagno (2007a, 2007b, 2018), Chomsky (1971), Dubois (1973), Labov (2008) e Mattoso (2000). A metodologia envolveu pesquisa bibliográfica, em materiais impressos e *online*, além de análise das respostas de professores do Ensino Básico a um questionário, realizado de forma virtual, sobre o conhecimento e a presença do Dialeto nas escolas, visando a identificar sua existência e necessidade. Após a análise, e percebida a potencialidade deste Dialeto enquanto objeto de estudo, foi elaborado um plano de aula como sugestão de trabalho com ele no Ensino Médio, suscitando o desafio de que docentes possam incluir metodologias diversas em suas didáticas. Como resultados, um deles foi a evidência da presença de alunos LGBTI+ nas escolas, e que estes possuem demandas linguísticas e identitárias. Portanto, o Dialeto, aliado à educação, pode possibilitar ao aluno este sentimento de pertencimento a sua Comunidade. Por fim, esta monografia se propõe a contribuir com os estudos sociolinguísticos, visando a enriquecer o processo de ensino-aprendizagem com pluralidade linguística e identitária.

Palavras-chave: Dialeto Pajubá. Educação. Sociolinguística. Comunidade LGBTI+.

ABSTRACT

This study reflects on the Pajubá Dialect in its interaction with the LGBTI+ Community, and furthermore, proposes classroom intervention in Portuguese classes, using it as a strategy for the practice of language acquisition, in order to expand the communication of students involved in the teaching-learning process, suggesting work strategies. The subject emerged as an object of discussion after being present in a question of the Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), thus was chosen as the corpus of this work because it allows the feeling of belonging to LGBTI+ students present in schools. This investigation reviews concepts from Sociolinguistics (such as Linguistics Variation and Linguistic Prejudice), to get to the significance of Pajubá. It explores the origination of this linguistic code, its historical and social relevance, as well as its presence in contemporary times, highlighting how it can be used as a communicative act and expression of identity. The theoretical paths for thinking about the corpus mostly involved the studies of Bagno (2007a, 2007b, 2018), Chomsky (1971), Dubois (1973), Labov (2008) and Mattoso (2000). The methodology involved bibliographical research, through printed and online materials, in addition to the analysis of responses from Basic Education teachers to a questionnaire, conducted virtually, on the knowledge and presence of the Dialect in schools, aiming to identify its existence and necessity. After the analysis and realizing the potential of this Dialect as an object of study, a lesson plan was created as a suggestion for lecturing with it in High School, raising the challenge so teachers can include diverse methodologies in their teaching. As results, one of them was the evidence of the presence of LGBTI+ students in schools, such as the fact that they linguistic and identity demands. Therefore, the Dialect, combined within education, can provide students with this feeling of belonging to their Community. Finally, this monograph sights to contribute to sociolinguistic studies, aiming to enrich the teaching-learning process with linguistic and identity plurality.

Keywords: Pajubá Dialect. Education. Sociolinguistics. LGBTI+ Community.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DIALETO DE RESISTÊNCIA E DE IDENTIDADE	14
2.1	OS POTENCIAIS DE UMA MESMA LÍNGUA: AS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS	14
2.1.1	AS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS NA ESCOLA	15
2.2	DIALETO COMO APROFUNDAMENTO DA VARIAÇÃO	16
2.3	APARECIMENTO E FORMAÇÃO HISTÓRICA DO DIALETO PAJUBÁ	17
3	A COMUNIDADE LGBTI+	19
3.1	O DIALETO PAJUBÁ: DA RESISTÊNCIA PARA A EXISTÊNCIA NA COMUNIDADE LGBTI+	20
3.2	O DIALETO EM USO: INFINITAS COMBINAÇÕES	21
4	O DIALETO PAJUBÁ NA ESCOLA	24
4.1	A EXISTÊNCIA NA ESCOLA	24
4.2	A NECESSIDADE NA ESCOLA	31
4.3	ESTRATÉGIAS PARA A PRÁTICA DE PERTENCIMENTO E COMUNICAÇÃO DA COMUNIDADE LGBTI+ NA ESCOLA	33
4.3.1	O PAJUBÁ NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	33
	ENFIM, REFLETIR SOBRE A LÍNGUA E AS IDENTIDADES	39
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O autor do presente trabalho é estudante do Curso de Licenciatura em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Os estudos sociolinguísticos, especialmente os que se referem à variação linguística e à valorização das diferentes formas de se comunicar lhe foram de grande proximidade por possibilitarem a coexistência de pluralidades linguísticas. Portanto, as reflexões e propostas de ensino apresentadas neste estudo visam a contribuir com este campo de investigação, que permite infinitas pesquisas.

O interesse pelo assunto específico surgiu após a presença de uma questão no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) realizado no ano de 2018, que retratava o Pajubá como um Dialeto e reconhecia sua contribuição como patrimônio linguístico. Esta questão tornou-se polêmica nas redes sociais e teve ampla repercussão, com comentários tanto favoráveis quanto contrários a ela e ao que estava implícito. A partir daí, o pesquisador decidiu buscar mais informações sobre o Pajubá, explorando a importância cultural e linguística deste Dialeto, especialmente para a comunidade LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais e Demais Minorias Sexuais e de Gênero), tendo apresentado resultados iniciais durante um componente curricular do curso e prosseguindo com a pesquisa para desenvolver esta monografia.

Pensar no Pajubá como um Dialeto de caráter de resistência e identitário para a comunidade LGBTI+ torna-se necessário para fomentar a importância do sentimento de pertencimento de indivíduos membros e aliados a esse grupo comunitário. Apesar de ter sua origem concreta incerta, sabe-se que o Dialeto relaciona elementos da cultura africana e da Língua Iorubá, enraizando-se principalmente nos terreiros de candomblé, espaço de culto onde membros da LGBTI+ eram acolhidos. Sua história é marcada pela forma como era utilizado por travestis e transexuais, principalmente, para resistir aos ataques policiais na época da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) e em seus anos seguintes. Traça-se este contexto para justificar a importância histórica e social do Dialeto para a comunidade.

Além, partindo para a contemporaneidade, torna-se importante ao permitir um maior sentimento de identidade para a comunidade LGBTI+, visto que a língua também influencia as identidades individuais e plurais. Com o Pajubá, é possível expressar sentenças que, com o uso do português tradicional ou culto, não possuem a mesma completude e significação para seus usuários. Ainda existem poucos trabalhos de estudo deste Dialeto, e espera-se com esta pesquisa

contribuir com o seu desenvolvimento, principalmente servindo como sugestão de trabalho para professores de Língua Portuguesa aprofundarem o contato de seus alunos com diversas formas de comunicação.

Organizaram o caminho a ser seguido durante a pesquisa as seguintes questões: Como surgiu e qual é a importância do Dialeto Pajubá para comunidade LGBTI+?; Como se faz presente na contemporaneidade?; Como este Dialeto pode ser desenvolvido na escola como contribuição para a aquisição linguística, comunicação e pertencimento nas aulas de Língua Portuguesa?

O objetivo geral foi propor intervenção em sala nas aulas de Língua Portuguesa, utilizando-se do Pajubá como estratégia para a prática de aquisição linguística, a fim de ampliar a comunicação dos alunos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, sugerindo estratégias de trabalho. Especificamente, objetivou-se: (a) conhecer o Dialeto Pajubá no contexto que é (ou possa ser) apresentado; (b) mostrar a importância histórica e social do Dialeto para a comunidade; (c) contribuir com estratégias didático-pedagógicas em aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio para que este Dialeto seja conhecido e incorporado ao processo de comunicação dos alunos.

Quanto à metodologia, a pesquisa é, quanto à natureza, de caráter bibliográfico e exploratório, consistindo principalmente de materiais impressos e/ou disponíveis no meio digital. Para isso, um breve contexto histórico do surgimento do Pajubá foi realizado, através de pesquisas on-line e bibliográficas, objetivando caracterizar esse Dialeto como identitário da comunidade LGBTI+; a abordagem é qualitativa. A fim de analisar o Dialeto em seu uso prático, foram utilizadas, como *corpora*, letras de músicas, expressões e dicionários, visando a identificar a sua infinitude de possibilidades enquanto código linguístico, tornando-o eficaz.

A fim de identificar sua existência e necessidade na escola, foi realizada aplicação de questionário, utilizando formulário online na plataforma *Google Forms*, com professores de Língua Portuguesa do Ensino Básico, questionando-os sobre seu conhecimento do Dialeto, da Comunidade LGBTI+ e de alunos pertencentes a ela em sala de aula, e as respostas foram analisadas visando esta identificação.

Depois de feita a investigação e conhecidos alguns resultados, foi proposto um Plano de Aula detalhado com atividades com o código linguístico Pajubá no Ensino Médio (EM), na Educação Básica, exemplificando-o como prática de aquisição linguística para a comunicação e oferecendo estratégias de ensino para professores de Língua Portuguesa.

Trabalharam-se os conceitos de variação linguística, com os autores Bagno (1999), Costa (2012) e Labov (2008), assim como a importância desta para o ensino da Língua Portuguesa, justificada por documentos de parâmetros para professores, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ainda, foi conceituado o termo Dialeto, para chegar à conceituação do Pajubá, através das obras de Dubois (1973) e Mattoso (2000). Se fez necessário, também, situar o que é a comunidade LGBTI+ e seus membros. Para este fim, utilizou-se a obra de Reis (2018).

No segundo capítulo, posterior à Introdução, apresentam-se alguns conceitos essenciais para delimitar o tema e basear a pesquisa sobre o Dialeto: variação linguística, sua presença e importância para o ensino de Língua Portuguesa; Dialeto Pajubá; Comunidade LGBTI+, em contextualização histórica, cultural e linguística.

No terceiro capítulo, o contexto do Dialeto é levado para a contemporaneidade, indo da resistência para a existência. São analisados materiais que utilizam o Pajubá como código linguístico, sendo letras de músicas, palavras retiradas de dicionários, bem como entrevistas encontradas on-line e realizadas empiricamente pelo entrevistador. Neste capítulo há a identificação de usos do Dialeto enquanto padrão comunicacional, caracterizando-o como parte da língua funcional.

No quarto capítulo, apresenta-se o propósito maior deste trabalho. Foram analisadas respostas de professores de língua portuguesa da rede básica de ensino sobre o Dialeto para identificar sua existência nas escolas. O estabelecimento, como contribuição de exemplo de um Plano de aulas com o uso do Pajubá, sugerido para aplicação no Ensino Médio, a fim de exemplificar e nortear o trabalho com este Dialeto e suas possibilidades de discussão em aulas de Língua Portuguesa (e outras), fornecendo estratégias de ensino para os professores para a aprendizagem dos alunos.

Espera-se, com esta investigação, que se contribua para os estudos no campo da Sociolinguística, especialmente da variação linguística dialetal, e que cada vez mais pluralidades linguísticas identitárias possam ser envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, enriquecendo com sentidos comunitários e cidadãos o cotidiano escolar.

Por fim, as Considerações Finais e as Referências.

2 DIALETO DE RESISTÊNCIA E DE IDENTIDADE

Neste tópico, a fim de situar o que é o *corpus* Pajubá, são evidenciados conceitos fundamentais para o embasar e a importância de sua inclusão na educação básica. O primeiro conceito trabalhado é o de variação linguística, chave para a compreensão plena do que é o Dialeto.

Dialeto é, então, o segundo conceito trabalhado, indo além da variação linguística e proporcionando um caráter identitário à língua. É de grande importância também situar o que é a comunidade LGBTI+, grupo social que utiliza do Pajubá, para que se possa entender a importância dele. Por fim, explica-se o que é o próprio termo Pajubá, com seu contexto histórico de surgimento como Dialeto e sua utilização como forma de resistência, durante a época da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), e de identidade, na contemporaneidade.

2.1 OS POTENCIAIS DE UMA MESMA LÍNGUA: AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Ao pensar-se na língua em seu aspecto interacional, constata-se que esta não pode ser definida como algo imutável e estático, tampouco como um sistema único na relação falante/ouvinte/mensagem/língua/linguagem. As particularidades e individualidades dos cidadãos que fazem uso das línguas influenciam na maneira em que diferentes comunidades utilizam destas para seu propósito principal: comunicar-se com um receptor e serem entendidas por este.

William Labov (1927-) é um dos principais contribuidores dos estudos da Sociolinguística, e escreve sobre a variação linguística. Considera a língua como heterogênea, ao permitir concomitantes versões de si mesma. Ademais, para ele, "não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre" (Labov, [1972], 2008 p. 21).

A variação pode ser entendida, ainda, de acordo com a definição de Costa (2012, p. 5):

[...] etimologicamente, o termo variação vem do latim 'variatione', significando variedade, ato ou efeito de variar (se). Variar por sua vez significa tornar vário ou diverso, alterar, mudar. No dicionário do Câmara Jr. (1981 p. 239), variação é 'consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso'. Nesse sentido é que se define variação linguística como o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem.

Portanto, é através do significado social, constituído através das situações de uso da língua, que ela recebe o *status* de variação linguística. Nesse sentido, percebe-se necessária a valorização da variação linguística, defendida por Marcos Bagno (1961-), para a constituição de uma língua. Afinal, “[...] se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os sem-língua.” (Bagno, 2007, p. 16).

De forma sucinta, a variação existe nas diversas formas de se comunicar, utilizando da mesma língua como base, mas possibilitando outras significações para seus falantes. Se faz notável a importância do reconhecimento de diversas e concomitantes variações, pois em seus contextos sociais se mostram importantes na construção de uma identidade linguística de cada grupo ou comunidade. Poder expressar necessidades de fala de forma a ser entendido por seus semelhantes é um elemento primoroso para a construção identitária.

2.1.1 AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA ESCOLA

Além da conceituação do termo *variação*, se mostra importante para este estudo explicitar sua importância para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Ao trabalhar com as distintas formas de variação em sala de aula, novas possibilidades de reconhecimento linguístico são formadas para os alunos, afinal:

O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja conseqüente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira ‘língua estrangeira’ para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão.” (Bagno, 2007, p. 18-19).

Ao optar pelo trabalho exclusivo do português pela ótica da chamada "norma culta", excluem-se milhares de possibilidades e identidades linguísticas que estão presentes no cotidiano da comunidade escolar. Outras formas de expressão locais e sociais são eclipsadas em prol de uma forma única de falar-se o português brasileiro. Ao contrário do citado, desenvolver um ensino valorizador das variedades se torna essencial para que o aluno consiga perceber a si mesmo como cidadão de uma comunidade plurilinguística e de diversidade cultural única.

O trabalho com a variação está embasado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento orientador do trabalho de professores no ensino básico. Há competências específicas que guiam o trabalho docente utilizando-se dela, como as seguintes:

“(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico”. (Brasil, 2018, p. 161).

“(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.” (Brasil, 2018, p. 494).

“(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.” (Brasil, 2018, p. 494).

Não obstante, como citado nas competências acima, ao se trabalhar com os conceitos de variação linguística, ao mesmo tempo é reforçado para os alunos o que é o preconceito linguístico e o quão prejudicial este pode ser dentro de uma sociedade entre indivíduos diferentes, mas pertencentes a uma mesma nacionalidade.

Com a devida importância dada à variação dentro do documento de maior instância entre os educadores, é impensável que ela deixe de estar presente na escola. O trabalho com ela é possível, e imprescindível, no ensino de língua portuguesa. Se torna função dos professores desta disciplina pesquisarem e incluírem diferentes variações em sua prática docente.

2.2 DIALETO COMO APROFUNDAMENTO DA VARIAÇÃO

Com o conceito de variação linguística presente neste estudo, se torna mais simples entender o de Dialeto. Este, está incluso na variação, mas possui suas particularidades próprias. Para exemplificar, pode-se tomar o conceito de Dubois (1973, p. 184), que apresenta o Dialeto como “uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua”. Ainda, para Coseriu (1982, p. 11-12), a diferença entre Dialeto e língua ocorre por questões de *status* histórico:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de

falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior.

Portanto, entende-se que o Dialeto não está recusando as regras e o sistema gramatical da língua padrão, mas sim adaptando-a para um uso específico, em uma comunidade menor do que a de falantes gerais do português brasileiro. Enquanto a variação é mais ampla em seu conceito, como exemplo a variação sulista falada nos estados ao sul do Brasil, o Dialeto é ainda mais restrito a grupos específicos, ainda que não necessariamente geograficamente próximos.

Para situar o Pajubá dentro desse aspecto, há a conceituação de Mattoso (2000, p. 95) que, por sua vez, vê o Dialeto sob dois pontos de vista: “1º: ponto de vista puramente linguístico: se 'os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais'; 2º: ponto de vista extralinguístico: a) se existe um sentimento linguístico comum em que os dialetos são sentidos como variantes de uma língua geral e ideal.”

O Pajubá está mais identificável neste segundo ponto de vista, por ser o Dialeto comum utilizado pela comunidade LGBTI+, ao possibilitar esse (2º) sentimento. Adiante, será possível perceber como o Pajubá permite infinitas combinações de palavras e expressões, a fim de se comunicar, o que é uma das características fundamentais da gramática gerativa, e embasa sua independência linguística e utilização social próprias.

2.3 APARECIMENTO E FORMAÇÃO HISTÓRICA DO DIALETO PAJUBÁ

Embora a origem exata do Dialeto em questão seja ainda incerta, sabe-se que ele se originou com a mescla de termos do português brasileiro com outros de línguas africanas, especialmente o *nagô* e o *iorubá*, comunicados, principalmente, nos espaços de culto das religiões afro-brasileiras. Neon Cunha, mulher trans fluente no Pajubá, relata em entrevista que “os terreiros – onde os idiomas de matriz africana se mantêm vivos ao longo de nossa história – sempre foram espaços de acolhimento para as minorias, tanto para os negros quanto para os LGBTs.” (2019, Revista Digital). Ainda, para Lima (1983, p. 182), “há mais de duas décadas que os homossexuais dividem com os heterossexuais uma presença quantitativa de caráter permanente na umbanda e no candomblé”. Dessa aproximação explica-se a relação destas línguas com a comunidade e como foram se misturando até formar o que se entende como o Pajubá.

A história desse código linguístico tem um ponto de grande importância histórica e social durante a década de 1980, quando uma operação da polícia civil brasileira perseguiu, capturou e assassinou travestis e mulheres transexuais. Durante esses anos, acontecia no Brasil

a Ditadura Civil-Militar, já próxima de sua decrepitude. Foi comprovado pela Comissão Nacional da Verdade (2014) que havia perseguição e abusos cometidos contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, alvos de excessos cometidos em práticas de tortura, espancamento e extorsão nos chamados anos de chumbo.

Nesta época, através do relato de Neon, sabe-se que o Pajubá era, então, utilizado como código para garantir a sobrevivência destas vidas. Comunicavam-se utilizando-o com a finalidade de que a polícia e outras pessoas fora da comunidade, que poderiam delatá-las, não entendessem as palavras trocadas e, conseqüentemente, pudessem fugir da perseguição que sofriam durante a Ditadura. Nesse sentido, corrobora como ilustração a Figura 1, manchete do jornal *Lampião da Esquina*¹ que noticia a existência destas operações policiais:

Figura 1 – Reportagem sobre a operação



Fonte: BBC News, 2014.

É notável, dessa maneira, o papel do Dialeto enquanto um instrumento de resistência contra os ataques sofridos por este grupo e de sobrevivência de vidas marginalizadas e perseguidas. Esse contexto inicial configurou o início e a importância do Dialeto para a comunidade LGBTI+.

¹ O *Lampião da Esquina* foi um jornal brasileiro que circulou durante os anos de 1978 e 1981. Surgiu do contexto de imprensa alternativa na época da abertura política no final dos anos 1970, quando houve o abrandamento de anos de censura. Foi o primeiro jornal feito por e para pessoas LGBTI+.

3 A COMUNIDADE LGBTI+

É necessário aqui fazer-se uma breve pausa nos conceitos linguísticos, para identificar qual é, efetivamente, a comunidade que se utiliza do Dialeto, e por quem é constituída. Dentro de suas limitações, este subcapítulo a delimita, especificamente a brasileira.

A sigla que define a comunidade alterou-se bastante ao longo dos anos. Inicialmente, era apenas GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), e alterou-se para LGB (Lésbicas, Gays e Bissexuais), tanto para englobar as pessoas bissexuais quanto para dar uma maior visibilidade para as mulheres lésbicas dentro do grupo. Com o tempo, incluiu-se também a letra T, a fim de incluir pessoas travestis e transexuais. Outras letras também foram incluídas a fim de se referir a todas as identidades, sem excluir nenhuma, e optou-se por colocar o sinal gráfico “+” ao fim da sigla para facilitar o seu uso, como agora é conhecido.

Como identificação da Comunidade, existe a bandeira adotada, com suas cores de simbologia identitária, como ilustra a Figura 2, abaixo:

Figura 2 – Bandeira da Comunidade LGBTI+



Fonte: Superinteressante, 2022.

Para definir o que cada letra da sigla representa, tomou-se como base os conceitos do Manual de Comunicação LGBTI+, de Reis (2018), por ser um texto oficial que padroniza o uso da sigla de acordo com as realidades brasileiras. A primeira letra refere-se à Lésbica, a “mulher que é atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/ gênero (cis ou trans). Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas (Gênero, 2009)”. O “G” representa o Gay, que é a pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual

com outras pessoas do gênero masculino, não precisando ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras pessoas do gênero masculino para se identificarem como gays (Gênero, 2009). Ainda:

A palavra 'gay' vem do inglês e naquele idioma antigamente significava 'alegre'. A mudança do significado para homossexual 'remonta aos anos 1930 [...] e se estabeleceu nos anos 1960 como o termo preferido por homossexuais para se autodescreverem. [A palavra] Gay no sentido moderno se refere tipicamente a homens (enquanto que lésbica é termo padrão para mulheres homossexuais)" (Oxford Dictionaries, 2017, tradução nossa). (Reis, 2018, p. 22).

O "B" provém de Bissexual, “[...] a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros (Gênero, 2009). O termo “Bi” é o diminutivo para se referir a pessoas bissexuais.”. O "T", por sua vez, pode se referir às pessoas transgêneros, transexuais e travestis. O "I" é referente às pessoas intersexuais, enquanto o "+" utiliza-se para o restante das identidades, sejam de gênero ou sexuais.

O movimento LGBTI+ formou-se e existe até os dias atuais pela necessidade de luta por direitos, respeito e representação de uma parcela da sociedade que sofre diariamente com o preconceito ao que foge dos padrões convencionais de identidades, sejam sexuais ou de gênero. A defesa da aceitação acontece por meio da conscientização da população em relação ao preconceito contra esta comunidade, e como não repercutir ainda mais este sistema. Existiram e existem diversas lutas por parte dessa comunidade, mas no que tange à esta pesquisa, limita-se em sua constituição de membros realizada acima.

3.1 O DIALETO PAJUBÁ: DA RESISTÊNCIA PARA A EXISTÊNCIA NA COMUNIDADE LGBTI+

Partindo do contexto histórico estabelecido anteriormente, até chegar na atualidade, o Dialeto adquiriu, ainda, um papel de construtor identitário. Em entrevista para a revista *Trip*, Flip Couto, dançarino de 35 anos, situa o Pajubá como forma, também, de existência:

Essa comunidade criou ferramentas para, através da linguagem, criar um senso de pertencimento. É um campo para dizer que é nosso. A gente pode conversar sobre o que quiser no metrô, no ônibus, na rua e vamos se entender. É criar um mundo dentro do mundo. (Couto, 2019 - Revista Digital).

Silvana Nascimento, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, reforça sobre o Dialeto:

De um lado, pode ser usado como proteção por meio de inspirações das religiões de matriz africana, que são uma das poucas que incluem pessoas trans e travestis sem julgamentos morais ou preconceitos, explica. De outro, é uma forma de afirmação identitária entre coletivos que são continuamente marginalizados e violentados. (Nascimento, 2019, - Revista Digital).

Dessa maneira, os membros da comunidade se sentem pertencentes a um grupo maior, podendo se expressar de acordo com suas próprias demandas e necessidades, consequentemente, com maior legitimidade e propriedade sobre seus assuntos.

Atualmente, ainda, o Pajubá passou a ser utilizado de forma mais constante por artistas, em suas letras de músicas, como pelas cantoras Liniker² (1995-) e Linn da Quebrada³ (1990-), que misturam versos em português com expressões do Pajubá, representando a comunidade e a luta por direitos.

Além de um contexto de resistência, como visto anteriormente, o Dialeto passa a cumprir sua função como um código identitário, permitindo a existência destes seres e da própria comunidade. Com o uso dele, é possível comunicar-se com expressões que, somente com a utilização do português considerado padrão, não teriam o mesmo significado social para seus usuários.

Por exemplo, a frase “Um oco adé”, da música *Trava Língua Pajubá*, de acordo com os conceitos apresentados no Dicionário Aurélio (Scippe, 2006), tem o significado de “um homem homossexual”, mas sem conotação negativa. Sendo assim, o Dialeto se mostra como um excelente objeto de estudo cultural e identitário da comunidade. Para melhor analisá-lo e situá-lo como um código linguístico funcional, serão analisados a seguir, alguns vocábulos e trechos de música.

3.2 O DIALETO EM USO: INFINITAS COMBINAÇÕES

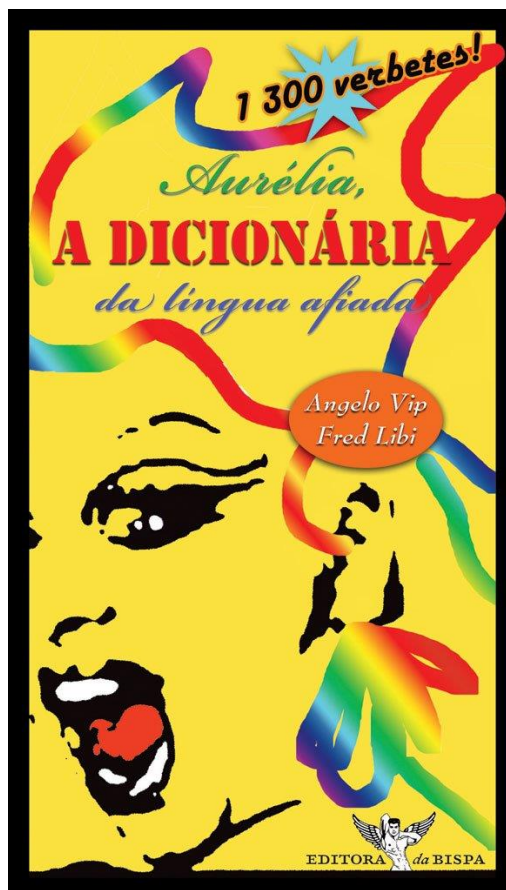
Para a tradução e o entendimento de todas as palavras retratadas em Pajubá, utiliza-se como base o Dicionário *Aurélio*, lançado em 2006 pelos autores Angelo Vip e Fred Lib, jornalista, e pesquisador, respectivamente. É um dicionário de expressões do Pajubá, que ainda não recebeu um mapeamento efetivo e eficaz da extensão do Dialeto, mas que nesta obra está

² Nome artístico de Liniker de Barros Ferreira Campos, cantora, compositora, atriz e artista visual brasileira trans. Compõe e performa músicas do gênero soul, principalmente. Foi imortalizada na Academia Brasileira de Cultura (ABC) em 14 de novembro de 2023 pelas suas contribuições à área da Música.

³ Nome artístico de Lina Pereira dos Santos, cantora, compositora, atriz e ativista social brasileira trans. Começou sua carreira musical em 2016, já lançou dois álbuns onde aborda experiências como o prazer e o amor do ponto de vista trans.

bem representado. Abaixo, está exposta sua capa. Faz-se importante também comentar sobre outro material que auxiliou na busca de termos do Pajubá, o “Diálogo de Bonecas”, primeiro dicionário de Pajubá lançado no Brasil, no ano de 1992, pela ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados).

Figura 3 – Capa do dicionário “Aurélia”, de Vip e Lib



Fonte: Jornal NH, 2016.

“É destruidor o picumã odara daquela amapô!” – Analisando esta frase com o auxílio do dicionário, sabe-se que ela significa “O cabelo bonito daquela mulher faz sucesso!”. É uma forma mais entusiasmada de elogiá-la. “Fazer a egípcia”, por sua vez, significa virar o rosto com o intuito de ignorar alguém, fingir não o ter reconhecido. “Barbie”, no Pajubá, significa um homem gay mais musculoso; Um “bafo” é uma fofoca ou alguém que causou forte impressão.

“Irene”, um regionalismo do Pajubá sul rio-grandense, significa uma pessoa idosa. É notável que mesmo dentro do Dialeto Pajubá, existem também as variações regionais, demonstrando sua riqueza cultural e regional.

Ainda, “jogar o picumã”, significa virar a cabeça, jogando o cabelo. A palavra “picumã”, por si só, pode significar cabelo ou peruca. Algumas palavras possuem também mais

de um sentido apenas, como no português brasileiro. “Aquendar” pode significar: 1) prestar atenção; 2) fazer alguma função; 3) pegar, roubar; 4) esconder as genitálias na roupa, de forma a não evidenciar o gênero.

Através da análise e tradução das frases faladas no Dialeto Pajubá, pode-se conceder a este a sua completa eficácia. De acordo com o pressuposto de Noam Chomsky (1928-), linguista estadunidense e principal contribuidor da teoria da Gramática Gerativa, com um conjunto finito de regras, o falante/ouvinte de uma determinada língua produz um conjunto infinito de sentenças. Nesse sentido, a eficácia do Pajubá é justificada, uma vez que utilizando dos vocábulos e expressões que possibilita, pode-se gerar uma infinidade de combinações lexicais de fala, possibilitando assim um diálogo completo entre seus comunicantes, fazendo ser entendido e entendendo o próximo, estabelecendo uma situação de comunicação real.

4 O DIALETO PAJUBÁ NA ESCOLA

Para avançar com este trabalho, trazendo o Dialeto Pajubá para dentro do campo educacional, e buscando sua existência nas escolas, foi realizada uma pesquisa através de formulário online pela plataforma *Google Forms*, com professores da rede básica de ensino do Rio Grande do Sul. No próximo subitem, discute-se sobre as respostas dos docentes participantes a fim de identificar o Dialeto e como vem se mostrando presente no cotidiano escolar.

Em seguida, a partir destas análises, justifica-se sua necessidade na escola, enquanto caracterizador de comunidades LGBTI+, que estão inseridas nas escolas e representadas por professores, membros da gestão escolar e alunos. Pensar em um trabalho com este Dialeto para possibilitar a identificação e pertencimento dos alunos faz-se imprescindível.

Por fim, pensando em sua necessidade, são propostas estratégias para o trabalho com o Pajubá e com esta comunidade em sala de aula. Foi desenvolvido um plano de aula, como forma de sugestão de trabalho com o Dialeto, podendo ser adaptado às diferentes realidades escolares, e ainda um curso de formação para professores sobre como fomentar o sentimento de pertencimento de alunos LGBTI+ em sala e como incluir o Dialeto nos conteúdos programáticos.

4.1 A EXISTÊNCIA NA ESCOLA

Para compreender a existência do Dialeto Pajubá nas escolas, foi realizada uma pesquisa através de formulário *online* pela plataforma *Google Forms*. O público-alvo da pesquisa consistiu-se em professores de Língua Portuguesa (L.P.) da rede de ensino básico, pois são estes os que estão em contato direto com os alunos, parte principal do processo de ensino-aprendizagem, e especificamente os de L.P. pois é esta disciplina que engloba os conceitos de variação linguística, portanto, o de Dialeto. Ainda, os professores a quem a pesquisa foi destinada residem na região metropolitana do Rio Grande do Sul, também conhecida como Grande Porto Alegre, a fim de delimitar o público à realidade escolar de onde a Universidade está inserida. As respostas foram colhidas entre os dias 17 de novembro de 2023 e 28 de novembro de 2023.

Foi enviada para 50 professores, através de ferramentas digitais, como *WhatsApp* e e-mail, e foram obtidas 16 respostas ao formulário. A identificação dos participantes foi opcional,

podendo relatarem nome e escola onde trabalham. As perguntas que constituíram o questionário foram as seguintes:

- 1- Você trabalha em escola(s) de rede pública ou privada?;
- 2- Trabalha majoritariamente com que nível do ensino básico?;
- 3- Há quanto tempo atua como professor(a) na educação básica?;
- 4- Já ouviu falar sobre o Dialeto Pajubá?
- 5- Tem conhecimento do que é e por quem é falado?;
- 6- Caso tenha respondido "Sim" na questão anterior, escreva brevemente sobre seu conhecimento sobre o Dialeto;
- 7- Atualmente ou no passado já trabalhou com alunos pertencentes da Comunidade LGBTI+ em suas turmas?;
- 8- Como você lida com alunos LGBTI+ em sala de aula?
- 9- Utiliza estratégias para o acolhimento e pertencimento destes alunos na turma?;
- 10- Já trabalhou com variação linguística e/ou preconceito linguístico em aulas de Língua Portuguesa?;
- 11- Caso já tenha trabalhado com variação linguística em sala, já trabalhou com o Pajubá ou outros Dialectos relacionados à comunidade LGBTI+ com os alunos?.

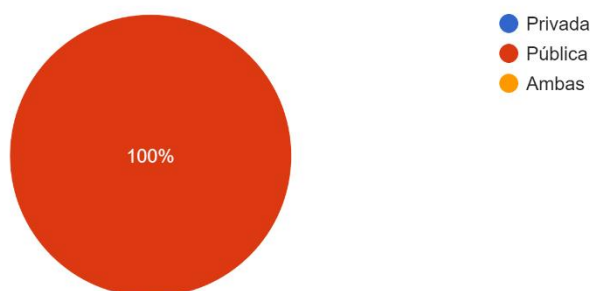
Estas perguntas visaram a identificar a existência e o conhecimento do Dialeto por parte dos docentes e alunos com que trabalham, bem como a existência de alunos da comunidade em questão nas escolas e a forma com que os professores os acolhem em sala de aula. Em seguida, analisam-se as respostas dos docentes ao formulário. As questões com dados quantitativos (como tempo de atuação) são expostas através de gráficos. Já referindo-se as questões discursivas, qualitativas, algumas respostas são selecionadas e expostas para identificar os pontos citados anteriormente.

Quanto à atuação em rede pública ou privada, a totalidade dos participantes respondeu atuar em escolas da rede pública, como visto no Gráfico 1, abaixo. Este dado contribuiu com a pesquisa no sentido de mostrar a realidade do ensino público, muitas vezes precarizado e desvalorizado, e onde a maior parcela dos alunos do país estão inseridos. De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica 2022, dos 47,4 milhões de matrículas nas escolas de educação básica brasileiras, acima de 38,3 milhões são de rede pública, representando cerca de 81% dos estudantes.

Gráfico 1 - Atuação em Rede Pública ou Privada

Você trabalha em escola(s) de rede pública ou privada?

16 respostas



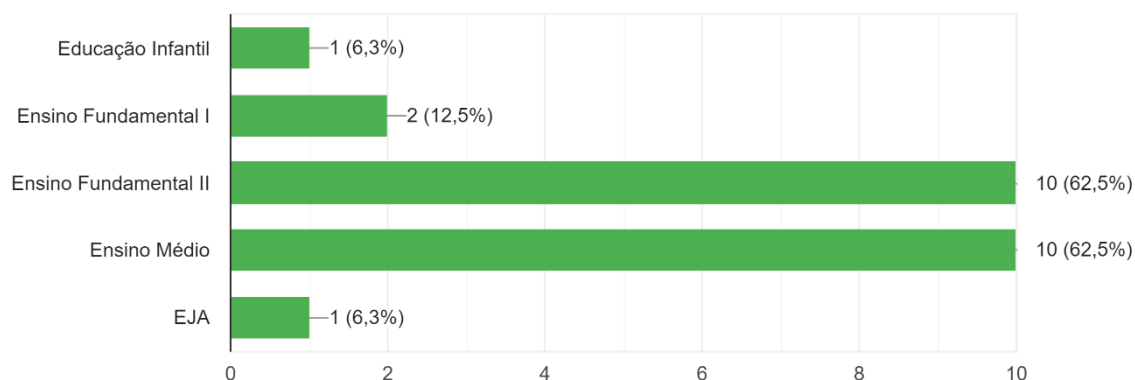
Fonte: O pesquisador, 2023.

O segundo gráfico, disposto a seguir, refere-se à segunda pergunta, sobre os níveis do Ensino Básico de atuação dos profissionais. Antes de analisá-lo, cabe ressaltar que esta questão permitia múltiplas respostas. Quanto ao nível de atuação no Ensino Básico (EB), a maior porcentagem dos professores atua no Ensino Fundamental II e Médio, com alguns trabalhando concomitantemente na Educação Infantil, Fundamental I e EJA. Os níveis de ensino de atuação dos docentes está de acordo com a faixa etária em que o Pajubá pode ser trabalhado de forma mais completa, nos Ensinos Fundamental II e Médio, uma vez que os alunos destes níveis já possuem uma maturidade maior para pensarem sobre a temática. É também, nestes níveis, principalmente, que as identidades de gênero e sexuais passam a aflorar e se manifestar nos alunos, então se faz importante pensar na identificação desses através da linguagem.

Gráfico 2 - Atuação em Níveis do Ensino Básico

Trabalha majoritariamente com que nível do Ensino Básico?

16 respostas

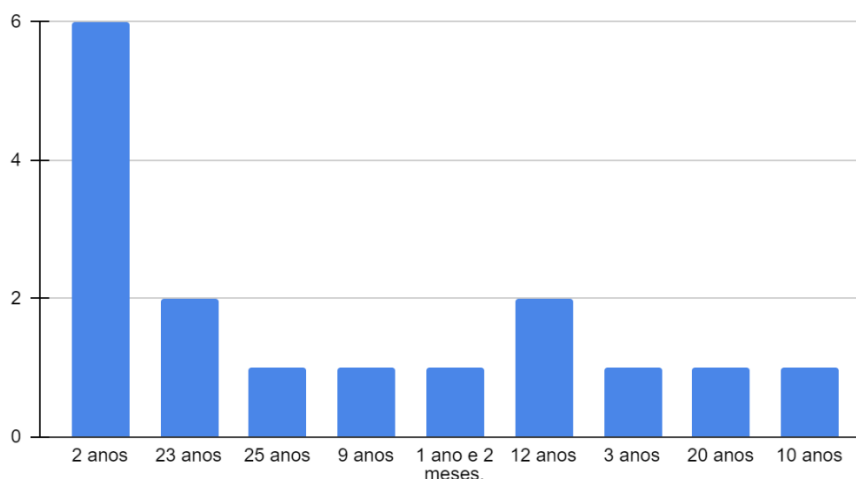


Fonte: O pesquisador, 2023.

Em seguida, o terceiro gráfico mostra dados sobre o tempo de atuação dos docentes. Pode-se perceber, através das respostas, que os docentes questionados variam bastante pelo seu tempo de atuação. Há professores recém iniciados na carreira e, também, profissionais com longa experiência na área. A maior porcentagem do gráfico é de profissionais com dois anos de atuação, consistindo em seis no total (37,5%). Há, ainda, três docentes com mais de vinte anos de atuação na profissão (18,75%). Portanto, o público se mostrou bastante diverso, permitindo que os dados pudessem refletir diferentes realidades e conhecimentos docentes, através do tempo de experiência.

Gráfico 3 – Tempo de Atuação na Docência

Há quanto tempo atua como professor(a) na educação básica?



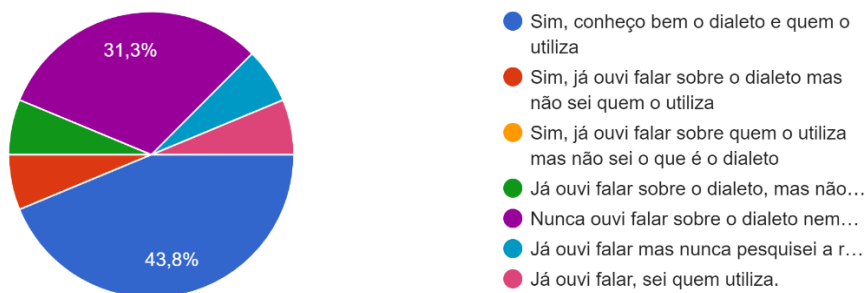
Fonte: O pesquisador, 2023.

Os três primeiros gráficos apresentados são referentes às informações pessoais e de carreira dos docentes, enquanto os próximos focam no *corpus* desta pesquisa, no conhecimento sobre o Pajubá e alunos da comunidade LGBTI+. O gráfico seguinte representa o conhecimento, ou não, do Dialeto e de sua comunidade de fala. Ao serem questionados sobre seu conhecimento do Dialeto, as respostas foram bastante variadas. Para melhor visualização, as frases completas das respostas em verde, roxo e azul claro, respectivamente, são: “Já ouvi falar sobre o dialeto, mas não sei o que é nem quem o utiliza.”; “Nunca ouvi falar sobre o dialeto nem sobre quem o utiliza.”; “Já ouvi falar, mas nunca pesquisei a respeito.”. Nota-se que 7 (43,8%) dos participantes declaram conhecer o Dialeto e por quem é utilizado. Este dado se mostra importante, evidenciando que há um conhecimento deste por parte significativa da comunidade docente. Alguns, ainda, conhecem apenas algumas informações sobre este, seja seu conceito ou sua comunidade de fala, mas não em totalidade. Entretanto, 5 (31,3%) ainda não o conhecem nem ouviram falar sobre, evidenciando que ainda há uma falta de disseminação

maior da existência dele enquanto Dialeto e código linguístico. Pensar em uma forma de apresentá-lo aos docentes se faz necessário, visto que com o conhecimento devido, poderão transmitir este aos alunos consequentemente.

Gráfico 4 – Conhecimento sobre o Dialeto e sua Comunidade de Fala

Já ouviu falar sobre o dialeto Pajubá? Tem conhecimento do que é e por quem é falado?
16 respostas



Fonte: O pesquisador, 2023.

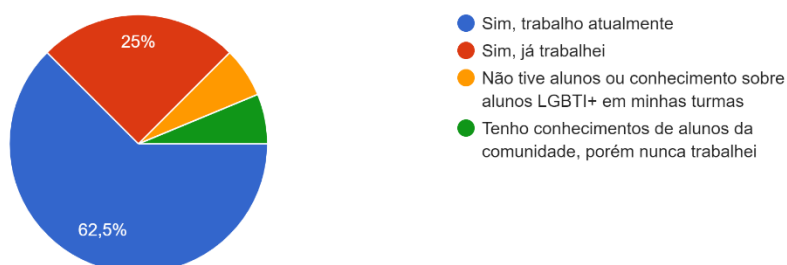
A próxima pergunta se fez opcional e condicionada à anterior. Os docentes que comentaram conhecer o Dialeto, de alguma forma, escreveram sobre o quanto o conhecem. Houve 10 respostas a ela. Algumas marcaram o conhecimento através da origem do Dialeto, como em: “Pajubá é um dialeto utilizado pela comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil, tem algo a ver com dialetos africanos também”; “O dialeto Pajubá tem origem na junção de termos africanos e a língua portuguesa, sendo utilizado pela comunidade LGBTQIA+ como forma de identificação e reconhecimento.”; “Fiz um trabalho para uma disciplina da faculdade sobre o assunto. Sei que o Pajubá tem origem afro e está presente no vocabulário da comunidade LGBTQIA+”. Através destas respostas, pode-se notar que a relação com as origens de línguas africanas é conhecida. Ainda, analisando estas mencionadas e a seguinte resposta “Tenho conhecimento de que o dialeto Pajubá consiste em uma variação utilizada por grupos LGBTI+, porém desconheço boa parte das escolhas lexicais e seus sentidos.”, pode-se perceber que é determinante o conhecimento de que o Dialeto é utilizado pela Comunidade. Não obstante, um docente identificou-o como forma de identificação e reconhecimento, ressaltando o caráter identitário que assume para pessoas LGBTI+.

A próxima pergunta questionava o conhecimento sobre a existência de alunos LGBTI+ nas turmas em que os docentes já atuaram. O gráfico abaixo representa as respostas. De todas as respostas à questão, apenas 2 (12,5%) relatam não terem trabalhado com alunos LGBTI+ em

sala de aula. Das duas, uma comenta conhecer alunos da Comunidade, porém, não ter trabalhado com estes em suas turmas. Entre os restantes, 4 (25%) afirmam ter trabalhado no passado com estes alunos, enquanto 10 (62,5%) trabalham atualmente com eles. Exposta a quantidade expressiva de docentes que atuam ou já atuaram em turmas com a presença de alunos desta Comunidade, é perceptível que esta Comunidade está presente nas escolas, e por isso é grave pensar que estratégias para o acolhimento destes alunos devem ser adotadas pelos docentes. Este acolhimento justifica-se pensando na longa luta por direitos, reconhecimento e representatividade que a Comunidade LGBTI+ enfrentou e ainda enfrenta, atualmente. Nesse sentido, pensando que “a homofobia passa a ser vista como fator de restrição de direitos de cidadania, como impeditivo à educação, à saúde, ao trabalho, à segurança, aos direitos humanos e, por isso, chega-se a propor a criminalização da homofobia” (JUNQUEIRA, 2012, p. 7), situações de preconceito contra pessoas LGBTI+ podem, portanto, levar a problemas educacionais, visto que têm forte influência sobre o psicológico destas. Pensando nisto, é mister que existam formas de acolhê-los no processo educacional.

Gráfico 5 – Alunos LGBTI+ em Sala

Atualmente ou no passado já trabalhou com alunos pertencentes da Comunidade LGBTI+ em suas turmas?
16 respostas



Fonte: O pesquisador, 2023.

Em seguida, os docentes foram questionados sobre como lidam com os alunos LGBTI+ em sala de aula e quais estratégias utilizam para promover o acolhimento e pertencimento destes alunos na turma. Algumas respostas relatam como é feito este processo com os alunos: “Crio situações de aprendizagem que propiciem o debate e a reflexão acerca dos Direitos Humanos e da pessoa pertencente a essa comunidade. Um exemplo, ao longo deste ano, foram as discussões sobre identidade de gênero para desenvolver habilidades de argumentação em textos dissertativos.” e “Considero e abordo textos e temáticas relacionadas ao seu contexto. Trabalho com textos literários que abordam o contexto de alunos LGBTI+ para que eles percebam que

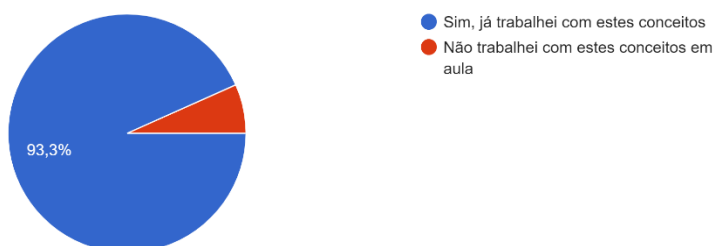
nossas histórias são parte de todas as vidas.” É valoroso que os docentes inseridos na educação básica estejam pensando em formas de promover a discussão sobre esta temática emergente, através de atividades discursivas e por meio dos textos literários, permitindo a identificação e representatividade aos alunos.

Ainda sobre esta questão, a seguinte resposta se mostra instigante: “Como educadora LGBTI+ sempre busquei acolher todos meus educandos (as/es), orientando e conscientizando os demais para que não somente na sala de aula mas em outros âmbitos todas as diferenças sejam respeitadas, visando sempre procurar aporte na constituição e bem comum.”. Faz-se notar que a Comunidade também está representada na educação pelo corpo docente escolar. Nesta lógica, se há alunos e professores pertencentes a ela, mostra-se importante que seja abordada nas aulas e devidamente trabalhada.

Posteriormente, foi perguntado sobre o trabalho com variação linguística pelos docentes em aula. O gráfico abaixo representa as respostas. Faz-se perceptível que, dos docentes questionados, 15 (93,3%) destes relataram já ter trabalhado com conceitos de variação linguística e/ou preconceito linguístico nas aulas de língua portuguesa. É um tema presente na BNCC, e portanto é primoroso que esteja sendo trabalhado em sala de aula pela maior parte dos professores, possibilitando um olhar reflexivo sobre a linguagem e a língua aos alunos.

Gráfico 6 – Trabalho com a Variação Linguística

Já trabalhou com variação linguística e/ou preconceito linguístico em aulas de língua portuguesa?
15 respostas



Fonte: O pesquisador, 2023.

Por fim, a última pergunta questionava se os professores que já trabalharam com variação linguística alguma vez abordaram o Pajubá (ou outros dialetos relacionados à Comunidade) em suas aulas. Três docentes relatam já terem trabalhado com o Dialeto diretamente, enquanto outros dois contam não terem trabalhado diretamente, mas com temas relacionados: linguagem neutra e outras temáticas LGBTI+. O restante declarou não ter trabalhado com este tema em específico. Pode-se, então, perceber que o Dialeto já é pensado

como objeto de estudo por alguns docentes, e que questões relacionadas à Comunidade já vêm sendo trabalhadas em sala de aula, mas ainda é trabalhado por um percentual menor à metade dos questionados.

Portanto, precisam ser pensadas formas de apresentar também aos docentes este Dialeto, para que possam então ser introduzidas ou reforçadas com os alunos dentro do campo da variação linguística.

4.2 A NECESSIDADE NA ESCOLA

No tópico anterior buscou-se identificar a existência do Dialeto Pajubá nas escolas. Através das respostas colhidas no formulário realizado, identificou-se que a quase totalidade dos docentes participantes trabalha com alunos LGBTI+ em suas turmas, ou já trabalhou anteriormente. Pensando nesta lógica, faz-se necessário que o Dialeto esteja incluso nas aulas de Língua Portuguesa, de forma a possibilitar uma identificação destes alunos com ele, e para os demais enquanto variação linguística demarcada. Majoritariamente, mas não exclusivamente, no Ensino Médio, é fundamental pensar no caráter identitário que a língua possibilita ao aluno, uma vez que:

O Ensino Médio é uma etapa de formação não apenas intelectual-cognitiva, mas também um momento de construção de identidades e de pertencimentos a grupos distintos, de elaboração de projetos de vida, ainda que as condições e os percursos dos jovens sejam bastante distintos. É uma fase de ruptura e de reconstrução. Os jovens não estão apenas aprendendo Matemática, Geografia, Física, entre outras disciplinas. Não é apenas um saber externo, objetivo, sistemático, que importa nesse momento. É também um período de múltiplos questionamentos, de constituição de um saber sobre si, de busca de sentidos, de construção da identidade geracional, sexual, de gênero, étnico-racial, dentre outras. (Weller, 2014, p. 149).

A partir da juventude é que o aluno passa a questionar e descobrir suas identidades, inclusive a sexual e de gênero, portanto o ensino precisa passar a possibilitar oportunidades de descoberta, e nas aulas de língua portuguesa, a própria linguagem o permitirá.

Ainda, através do descobrimento de sua própria identidade, ele estará também envolvido em um processo de formação e conhecimento, já que “a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora”. (Hall e Woodward, 2007, p. 19) Dessa maneira, entendendo o passado da Comunidade LGBTI+, como exemplo, o aluno passa a entender melhor as relações de poder descritas que permeiam suas próprias experiências.

Muitas vezes, será demandado pelos alunos que estas formas de comunicação estejam inseridas no processo de ensino. Para exemplificar, retoma-se aqui uma das respostas ao

questionário feito no subitem anterior. Questionado sobre o trabalho com o Dialeto Pajubá, na última pergunta, um docente relata este ter surgido como tópico por parte dos estudantes:

Em razão de ter caído no Enem de 2018, os estudantes do EM sempre questionam acerca do dialeto Pajubá. Logo, ao fazer uma imersão nas apropriações linguísticas e de que modo elas aparecem nos processos vestibulares, é uma ótima "deixa" para um aprofundamento nas palavras de origem nagô e iorubá, principalmente, línguas faladas em países da África Ocidental, que chegaram aqui no Brasil com os povos escravizados. Dessa maneira, a partir de uma metodologia interdisciplinar, trabalha-se o conteúdo com História e Sociologia. Fato importante e que faz com que o aluno perceba a importância desse dialeto foi o contexto da ditadura militar, daí o primeiro documento oficial com o uso do Pajubá e objeto formal de registro. (Entrevista anônima, 2023)

Através deste relato, percebe-se que o Pajubá se mostra um objeto de estudo de interesse dos alunos, principalmente por sua presença na prova do ENEM de 2018. Ainda, como citado, pode ser utilizado para trabalhar as línguas nagô e iorubá, bem como suas relações com o processo de formação do Brasil. Além disso, o trabalho com o Dialeto pode tornar-se interdisciplinar, pois abrangerá conteúdos da História, da Sociologia e mesmo da Filosofia, demonstrando que, aliado a estratégias didáticas adotadas pelos docentes, permite o pensamento crítico, a reflexão e a consciência histórica quando presente no ensino.

A resposta de outro docente à mesma pergunta corrobora neste sentido:

[...] Propus uma pesquisa e uma apresentação oral sobre os diferentes tipos de variação linguística em determinadas situações comunicativas. Um grupo de estudantes autodeclarados LGBTI+ escolheu mostrar a inadequação do uso do dialeto Pajubá em uma situação formal de comunicação (entrevista de emprego). A descoberta partiu dos e das estudantes e acabei aprendendo um pouco mais com eles e elas. (Entrevista anônima, 2023).

O trabalho com a variação linguística, quando feito de forma estruturada, permite que os alunos se identifiquem com as variações estudadas ou mesmo que descubram, através de pesquisas espontâneas, outras formas do seu interesse. Nota-se também que os próprios estudantes, neste caso, apresentaram conhecer as situações de uso da língua e a adequação ou não adequação do Dialeto frente a elas, um dos conhecimentos mais importantes quando se trabalha neste campo da linguística.

Neste sentido, visto a necessidade que os alunos pertencentes à esta Comunidade possuem, deixar de incluir o Dialeto no processo de ensino é impensável. Assim como outras formas de variação linguística que também se fazem presentes na sala de aula, o Pajubá assume este mesmo papel, pois não pode ser ignorado frente à sua relevância. Afinal, o próprio Bagno (2014, texto digital) afirma que, “como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato,

de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social”. Assim, “rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade de que ela faz parte”. É imprescindível então que o aluno seja possibilitado de conhecer este dialeto, e conhecer a si próprio e a sua Comunidade, para que possa efetivamente pertencer a ela.

Ademais, pensando no sentido que a educação assume na contemporaneidade por um viés freiriano⁴, adotar as demandas e necessidades dos alunos é fundamental, pois:

É mediante reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto, que o homem se torna sujeito. Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais ele ‘emergirá’, plenamente consciente, engajado, pronto a intervir sobre a realidade, a fim de mudá-la. Uma educação assim – cuja finalidade seja desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica em virtude da qual o homem escolhe e decide – liberta o homem, em vez de subjugá-lo, domesticá-lo, colocá-lo de acordo, como faz amiúde a educação que vigora em grande número de nações do mundo, visando a ajustar o indivíduo à sociedade, bem mais do que a promovê-lo em sua própria trajetória (Freire, 2016, p.68).

Voltar o olhar do aluno para o pensamento crítico e conhecimento de diversas formas da linguagem e da comunicação, conseqüentemente para sua própria realidade enquanto cidadão, é imperioso para que ele possa, então, escolher por si só o caminho que deseja seguir, de forma consciente.

4.3 ESTRATÉGIAS PARA A PRÁTICA DE PERTENCIMENTO E COMUNICAÇÃO DA COMUNIDADE LGBTI+ NA ESCOLA

Entendida a necessidade de que o Dialeto esteja incluso no processo de ensino-aprendizagem, é preciso pensar em estratégias didáticas para que seja utilizado como forma de acolher alunos LGBTI+ em sala, fazendo com que pertençam à escola, conseqüentemente, e que possam comunicar-se de forma eficaz com seus iguais, de acordo com suas demandas. Pensando nisso, uma sugestão foi pensada, como contribuição para este trabalho ser realizado. Propôs-se um plano de aula, como inspiração de utilização do Dialeto para trabalhar com a variação linguística em sala, utilizando de metodologias diversas.

4.3.1 O PAJUBÁ NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

⁴ Referente às teorias de Paulo Freire (1921-1997), educador e filósofo brasileiro, possuindo grande influência sobre os movimentos da pedagogia e da educação críticos. É também Patrono da Educação Brasileira.

É primoroso que o Pajubá esteja inserido na escola como código linguístico e identitário da Comunidade. Através dessa necessidade, foi elaborado um plano de aula como sugestão para docentes o incluírem em seu planejamento anual. O plano de aula é importante, pois “é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino.” (Libâneo, 2001, p. 221). Assim, o período da aula funciona de forma estruturada, com o devido tempo e materiais adequados para que seja ensinado o que é desejado.

Pensou-se no público do EM para a aplicação do plano, não limitado a uma turma específica, podendo assim ser aplicado em quaisquer dos níveis desta modalidade. Essa escolha ocorreu por se tratar de um público com maior maturidade para lidar com o assunto, mas outras estratégias podem ser pensadas para outros níveis de ensino. Ainda, foi pensado em momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura, pois desta maneira é possível um acompanhamento maior do entendimento e progresso dos alunos.

A pré-leitura caracteriza-se como o primeiro contato do aluno com a temática, assim possibilitando que o professor tenha uma base de como seguir com o planejamento, que pode ser ajustado a partir disto. No plano, este momento se faz através de questionamento sobre os conhecimentos que já possuem e, em seguida, um trabalho de pesquisa sobre o Pajubá.

O momento de leitura é para reflexão sobre o objeto estudado, assim se pode conferir o acompanhamento dos alunos. Está incluso no plano através da exibição de um vídeo com termos no Dialeto, e após, no trabalho de tradução de frases no mesmo, exercitando o conhecimento dos alunos sobre este.

Por fim, a pós-leitura é quando os alunos pensam criticamente sobre o que foi aprendido até então. Inicialmente o plano propõe uma revisão dos conteúdos, e em seguida é solicitado uma produção textual aos alunos, visando que exponham criticamente sua opinião sobre os conteúdos estudados.

Abaixo, está exposto o plano de aula proposto:

Quadro 1 – Plano de Aula

I. IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular: Língua Portuguesa;	
Modalidade: Ensino Médio;	
Totalidade: 1º a 3º anos E.M;	
Duração: 4 aulas de 2 horas/aula cada; 8 horas/aula no total.	
II. ASPECTOS GERAIS	
Eixos temáticos:	Campos:
Oralidade, Leitura/Escuta, Análise	Vida pessoal, Práticas de Estudo e Pesquisa e Artístico.

Linguística/Semiótica e Produção Textual.	
<p>Competências específicas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. 2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. 4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. 6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica. 	
<p>Habilidades da BNCC:</p> <p>(EM13LGG103) Analisar, de maneira cada vez mais aprofundada, o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses.</p> <p>(EM13LGG201) Utilizar adequadamente as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.</p> <p>(EM13LGG203) Analisar os diálogos e conflitos entre diversidades e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e suas produções (artísticas, corporais e verbais), presentes na cultura local e em outras culturas.</p> <p>(EM13LGG204) Negociar sentidos e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.</p> <p>(EM13LGG401) Analisar textos de modo a caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.</p> <p>(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e combatendo situações de preconceito linguístico.</p> <p>(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico e da cultura corporal de movimento de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de disputa por legitimidade.</p> <p>(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.</p>	
<p>Recursos necessários:</p> <p>Computadores com acesso à internet disponível, para realização de pesquisa. Textos pré-selecionados, disponíveis de forma impressa ou digital. Quadro branco.</p>	
III. OBJETIVOS	
<p>Geral:</p> <p>Possibilitar o conhecimento do Dialeto Pajubá enquanto variação linguística e código identitário da comunidade de fala LGBTI+.</p>	

<p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender os conceitos de variação linguística, preconceito linguístico e Dialeto, percebendo semelhanças e variedades do português brasileiro; - Perceber as características da variação dialetal Pajubá, seu contexto histórico e caracterização identitária; - Permitir aos alunos a identificação linguística com o Dialeto; - Promover, de forma implícita, o sentimento de pertencimento, a partir da identificação, a uma comunidade de fala. 									
<p>IV. METODOLOGIA</p> <p>São propostas discussões e reflexões sobre o Dialeto e sua Comunidade de Fala. Atividades de pesquisa realizadas em aula e como tarefa. Exibição de vídeo e expressões no código linguístico visto. Produção textual.</p>									
<p>V. ATIVIDADES PROPOSTAS</p>									
<p>Aula/Conhecimentos:</p>	<p>Atividades a serem desenvolvidas:</p>								
<p>1ª aula (Preparação) – 2 horas/aula Introdução do tema variação linguística, preconceito linguístico e dos tipos de variação linguística.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conversa-se inicialmente com os alunos sobre os conhecimentos que já possuem sobre variação linguística e se conhecem algum tipo. 2. É feita a introdução do conceito de variação linguística como fenômeno da língua. Podem ser citadas algumas variações como exemplo (variação “porto-alegrense”, “carioca”, entre outras). Discute-se com os alunos sobre a importância das variações a partir das necessidades comunicativas de cada região ou comunidade. 3. Comenta-se, também, sobre o preconceito linguístico com algumas variações consideradas “inferiores”. Como exemplo, podem ser utilizadas as falas do personagem Chico Bento, dos gibis da Turma da Mônica. Objetiva-se que compreendam que existem diferentes contextos de comunicações, e não variações certas ou erradas. 4. Por fim, introduz-se os principais tipos de variação linguística: social, regional, histórica e estilística. Pode ser usado como referência a tabela abaixo. Como exemplo de cada tipo, pode-se citar a diferença entre fala de classes sociais (social), o “gauchês” (regional), português arcaico (histórica) e gírias usadas pelos grupos sociais (diafásica). Ainda, deve-se introduzir o conceito de Dialeto como forma mais específica da variação linguística e suas particularidades. <p style="text-align: center;">Tabela com os tipos de variações linguística:</p> <table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td style="background-color: #fff9c4;">SOCIAL (DIASTRÁTICA):</td> <td>São as variações ocorridas na língua em razão da convivência entre os grupos sociais.</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #fff9c4;">REGIONAL (DIATÓPICA):</td> <td>Representam as variações que ocorrem pelas diferenças regionais.</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #fff9c4;">HISTÓRICA (DIACRÔNICA):</td> <td>São as transformações da língua ao longo do tempo.</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #fff9c4;">ESTILÍSTICA (DIAFÁSICA):</td> <td>A ocasião determina o modo como falaremos com o nosso interlocutor, podendo ser formal ou informal.</td> </tr> </table> <p>Fonte: Azup, 2023. Disponível em: https://azup.com.br/cursos/lingua-portuguesa-1a-serie-ensino-medio/modulos/variacao-linguistica/aulas/variacao-linguistica-de-estilo-ou-registro/. Acesso em: 3 dez. 2023.</p>	SOCIAL (DIASTRÁTICA):	São as variações ocorridas na língua em razão da convivência entre os grupos sociais.	REGIONAL (DIATÓPICA):	Representam as variações que ocorrem pelas diferenças regionais.	HISTÓRICA (DIACRÔNICA):	São as transformações da língua ao longo do tempo.	ESTILÍSTICA (DIAFÁSICA):	A ocasião determina o modo como falaremos com o nosso interlocutor, podendo ser formal ou informal.
SOCIAL (DIASTRÁTICA):	São as variações ocorridas na língua em razão da convivência entre os grupos sociais.								
REGIONAL (DIATÓPICA):	Representam as variações que ocorrem pelas diferenças regionais.								
HISTÓRICA (DIACRÔNICA):	São as transformações da língua ao longo do tempo.								
ESTILÍSTICA (DIAFÁSICA):	A ocasião determina o modo como falaremos com o nosso interlocutor, podendo ser formal ou informal.								
<p>2ª aula (Pré-leitura e Contextualização) – 2 horas/aula Deve ser realizada no laboratório de informática, se possível, ou em algum local que os alunos possam acesso à internet. Introdução do Dialeto Pajubá e de sua Comunidade de Fala, bem como seu</p>	<ol style="list-style-type: none"> 5. Será escrita no quadro branco uma expressão escrita no Pajubá (Exemplo: Um oco xepó, tradução: Um homem cafona). Pergunta-se aos alunos se entendem o que está escrito. 6. Os alunos são questionados, então, se conhecem o Pajubá. A partir do seu conhecimento (ou não) deste, é solicitado que realizem uma pesquisa na <i>internet</i> sobre o que é este, de onde surgiu e por quem é utilizado (Sugestão de 15 a 20 minutos para a pesquisa). Após a pesquisa, os alunos devem relatar oralmente para o professor e os colegas os resultados encontrados. 7. A partir daí, o professor conversa sobre o contexto de surgimento do Dialeto com os alunos, levantando a época histórica da Ditadura Civil-Militar, e como foi utilizado enquanto forma de resistência contra ataques (O trabalho pode, inclusive, ser interdisciplinar, com ajuda do professor de história para este momento). Pode-se citar o Diálogos de Bonecas (Bajubá), de Jovanna Baby, primeiro registro de termos do dialeto. Algumas perguntas norteadoras podem ser feitas, a fim de enriquecer a discussão: <i>De que forma o Dialeto contribuiu para a sobrevivência da Comunidade LGBTI+?; Atualmente, que outras possibilidades de fala o Dialeto possibilita?</i>, entre outras. 								

contexto histórico. Trabalho de pesquisa.	8. Como tarefa, o professor solicite que os alunos, em duplas ou trios, busquem termos e expressões dentro do Pajubá que os interessem, e tragam estes e suas traduções na próxima aula.
3ª aula (Leitura) – 2 horas/aula Deve ser realizada em uma sala com projetor multimídia, para exibição de vídeo. O Dialeto enquanto código linguístico e de identidade.	<p>9. Brevemente, no início da aula, os alunos devem apresentar as expressões que trouxeram e suas traduções para o restante da turma. Após as apresentações, serão perguntados se o Dialeto se configura como um código eficaz de comunicação e expressão.</p> <p>10. Primeiramente, será exibido aos alunos o vídeo “O que é Pajubá?” do canal do Youtube Lorelay Fox, disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=QJiHj5-ZhLo>. Acesso em 3 dez 2023.</p> <p>11. Em seguida, será exibido ao alunos o vídeo “Aula de bichês”, parte do programa de “Comédia ao vivo” do canal MTV, disponível em <https://youtu.be/IrnAC0z6CnA?si=8NtB8kCJhDib9u6d>. Acesso em: 3 dez 2023. No vídeo, é feito um texto humorístico no formato esquete, com uso de palavras e expressões do Pajubá, e deve-se frisar com os estudantes que é um texto sarcástico, a fim de evitar confusões.</p> <p>12. Os alunos irão analisar, através do vídeo, os sentidos identitários que as palavras assumem para a Comunidade LGBTI+. Serão analisados também elementos extralinguísticos presentes nas falas, como entonação, e como caracterizam o uso da língua.</p> <p>13. No segundo período da aula, algumas frases serão expostas no quadro, a partir da matéria jornalística disponível em <https://gay.blog.br/noticias/linguistas-gringos-elegem-quais-expressoes-do-pajuba-sao-mais-inusitadas/> Acesso em: 3 dez. 23. Os alunos, com a ajuda de um glossário disponibilizado pelo professor, deverão realizar a pesquisa e tradução das frases. Como sugestão de glossário, os quadros de termos do artigo “(Re)encontrando o Diálogo de Bonecas: o bajubá em uma perspectiva antropológica” de Gabriela Costa Araujo (2018), disponível em <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21850/3/%28Re%29encontrandoDi%20c3%a1logoBonecas.pdf></p> <p>14. Após a tradução e conferência das frases pelo professor com os alunos, conversa-se com eles sobre a importância das expressões para a comunicação da Comunidade LGBTI+. Para além do português brasileiro considerado padrão, questiona-se aos alunos se as frases possibilitam outros sentidos e significações para seus usuários. Conversa-se também sobre o preconceito linguístico que pode ocorrer com pessoas que se comuniquem com este Dialeto, e como é uma expressão válida.</p>
4ª aula (Pós-Leitura) – 2 horas/aula	<p>15. No início da aula, será revisado com os alunos, no primeiro período, os conceitos trabalhados durante as aulas passadas (Variação Linguística, Preconceito Linguístico, Pajubá, Comunidade LGBTI+). Os alunos podem utilizar esta conversa para questionarem ou introduzirem contribuições não vistas nas aulas anteriores.</p> <p>16. Após a revisão inicial, será proposta uma produção textual, no formato argumentativo (supõe-se que fora trabalhado anteriormente), sobre a temática: “Importância do Dialeto Pajubá para a Comunidade LGBTI+, no passado e na atualidade, e desafios enfrentados por ela”. A produção deverá conter, implicitamente, introdução, desenvolvimento e conclusão sobre o tema. Pode-se estabelecer um limite mínimo de linhas para os alunos. A produção serve para avaliar a compreensão final dos alunos sobre o tema. Deve ser entregue em aula seguinte para os alunos uma devolutiva do texto.</p>
VI. AVALIAÇÃO	
A avaliação será realizada em aula através das discussões coletivas propostas e que surgirem, atividades de pesquisa propostas, participação em aula e produção textual final sobre os conhecimentos vistos em aula.	
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E LEITURAS COMPLEMENTARES	
AULA de bichês. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IrnAC0z6CnA . Acesso em: 3 dez. 2023.	
BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.	

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é e como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.

VARIAÇÃO linguística de estilo ou registro. [S. l.], 1 dez. 2023. Disponível em: <https://azup.com.br/cursos/lingua-portuguesa-1a-serie-ensino-medio/modulos/variacao-linguistica/aulas/variacao-linguistica-de-estilo-ou-registro/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

LINGUISTAS gringos elegem quais expressões do Pajubá são mais peculiares. [S. l.], 16 jun. 2020. Disponível em: <https://gay.blog.br/noticias/linguistas-gringos-elegem-quais-expressoes-do-pajuba-sao-mais-inusitadas/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

Para que o plano seja eficaz, se pensou na inclusão de metodologias diversas, como discussões orais de forma a incentivar a participação dos alunos no processo, trabalhos realizados em grupo, exibição de vídeos. Assim, diferentes maneiras de aprender também são disponibilizadas ao aluno. Foi proposto também um trabalho de pesquisa, que se faz importante, uma vez que:

A pesquisa em sala de aula é uma maneira de envolver os sujeitos, alunos e professores, num processo de questionamento do discurso, das verdades implícitas e explícitas nas formações discursivas, propiciando a partir disso a construção de argumentos que levem a novas verdades. A pesquisa em sala de aula pode representar um dos modos de usufruir no fluxo do rio. Envolver-se nesse processo é acreditar que a realidade não é pronta, mas que se constitui a partir de uma construção humana.

(Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/327117716_Pesquisa_em_sala_de_aula_Fundamentos_e_pressupostos. Acesso em: 8 dez. 2023).

Participando ativamente do processo de ensino, através da pesquisa, o aluno passa a desenvolver o conhecimento de forma crítica e conscientizada, ponderada. Os textos escolhidos e as formas optadas para introduzir o Dialeto foram pensadas no sentido de desenvolver o pensamento crítico e a escolha consciente de materiais por parte dos alunos. Objetiva-se, com a aplicação deste plano, que o aluno possa compreender efetivamente o que é o Dialeto e, se for pertencente à Comunidade, possa identificar suas experiências individuais através da língua. Espera-se que, com esta identificação, o aluno possa então sentir-se pertencente à uma Comunidade, vendo-se representado em um coletivo, ainda mantendo suas características. Nesse sentido, corrobora a pesquisa de Gastal e Pilati (2016, p. 286), ao pensar que “a necessidade de pertencimento individual influencia como o sujeito percebe e se comporta no meio social. A valorização da aceitação e a necessidade de estabelecer laços tornam os indivíduos melhor adaptados para operar no meio social”. A partir deste sentimento descrito, os alunos passam a estar melhor preparados para o próprio espaço escolar enquanto local de interação social.

Isso serve como inspiração à docentes, podendo ser adaptado de acordo com as necessidades de cada contexto escolar identificado.

ENFIM, REFLETIR SOBRE A LÍNGUA E AS IDENTIDADES

Durante este estudo, foi possível compreender, a partir do recorte, o que foi e o que é atualmente o Dialeto Pajubá e como pode estar inserido no processo da educação. Para isso, alguns pontos foram abordados e discutidos ao longo do trabalho. Inicialmente, foram revistos conceitos da linguística, como a Variação e o Preconceito, revisando importantes questões da língua em seu uso e das relações que se desenvolvem a partir dela, para que o conceito do próprio Dialeto, conseqüentemente, se tornasse também mais evidente.

Foi visto e pensado o papel que este código linguístico desempenhou para a Comunidade LGBTI+, no passado e atualmente, assumindo um caráter identitário para o grupo que o utiliza como forma de comunicação. Para isso, foi analisado seu contexto histórico como forma de resistência de membros da Comunidade LGBTI+ e, atualmente, a identidade que possibilita a seus falantes através da identificação linguística. Fez-se necessário situar também quem é esta Comunidade e quais são suas lutas, para entender a atuação deste código junto a ela.

Analisou-se, ainda, o uso prático do Dialeto, através de expressões comuns na oralidade de seus falantes, conferindo-o o *status* de código linguístico funcional, eficaz e rico em significados, a partir dos preceitos da Gramática Gerativa.

Em seguida, foram investigadas sua existência e necessidade na escola. Através do formulário online realizado com docentes da rede básica de ensino, foi perceptível nas respostas a presença de alunos pertencentes a este grupo comunitário nas escolas, bem como o fato de possuírem suas demandas linguísticas próprias. Mesmo que muito presentes no ambiente escolar, poucos dos questionados relataram já terem trabalhado com este Dialeto ou outras temáticas ligadas à Comunidade, gerando um déficit que impossibilita a possível identificação destes alunos com um Dialeto que abrange suas demandas comunicativas.

Desta maneira, entendeu-se que este Dialeto adquire grande valor e necessidade de estar presente neste momento de descobertas dos alunos, para que possam assim sentir-se pertencentes a uma Comunidade, e por fim, à própria escola a qual frequentam. Não obstante, foi perceptível que, da mesma forma, os docentes precisam ter o contato com este Dialeto, para que possam então proporcionar a seus alunos oportunidades de contato com ele.

Pensando nessa necessidade, propôs-se um plano de aula detalhado de como o Dialeto pode ser incluído no ensino de turmas do EM. Essa proposição se configurou como uma

sugestão de trabalho, podendo ser adaptada ou reformulada de acordo com as necessidades que cada docente identificar em suas escolas e turmas.

A partir das temáticas trabalhadas, do Dialeto como um objeto de estudo linguístico, e da prática proposta nesta monografia, espera-se haver contribuído com o campo da variação linguística e da dialetal, propondo um momento de reflexão sobre a língua, enquanto entidade viva e em constante mudança, e sobre as identidades e como são moldadas, dessa maneira também pensando na descoberta pela qual os alunos passam concomitante ao tempo de estudo. Incluindo este objeto linguístico no processo de ensino, estas atividades deixam de estar distantes e passam a possibilitar uma formação integral aos alunos, que passam a ver a si mesmos representados na sala de aula e, enfim, a pertencer à própria escola.

Encerra-se, portanto, com a frase presente na epígrafe deste trabalho: "Pertencer é viver".

REFERÊNCIAS

- AULA de bichês. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IrnAC0z6CnA>. Acesso em: 3 dez. 2023.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico no Brasil.** Online, 10 fev. 2018. Disponível em: <https://www.une.org.br/noticias/marcos-bagno-a-lingua-como-instrumento-de-poder/>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é e como se faz.** São Paulo: Loyola, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e pensamento.** Petrópolis: Vozes, 1971.
- CENSO Escolar da Educação Básica 2022: **Notas Estatísticas.** Brasília: Inep/MEC, 2023.
- COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem.** Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Coleção Linguagem. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1982.
- COSTA, Catarina de Sena Cerqueira Mendes da. **Variação/diversidade linguística, oralidade e letramento:** discussões e propostas alternativas para o ensino de Língua Portuguesa. 2012. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_062.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.
- DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística.** Trad.: Frederico Pessoa de Barros et. al. São Paulo: Cultrix. 1973.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder:** Introdução a Pedagogia do Conflito, 12 edição – São Paulo, Cortez, 2001.
- GASTAL, Camila Azevedo; PILATI, Ronaldo. **Escala de Necessidade de Pertencimento:** Adaptação e Evidências de Validade. Psico-USF, Campinas, v. 21, n. 2, p. 285-292, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/VnsBqwhLRbknDZ9k3jPS9MS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 dez. 2023.
- GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. **Livro de conteúdo.** Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença.** Trad. Márcia de Mello Leite Nunes. Petrópolis: Vozes, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de saúde 2019:** orientação sexual autoidentificada da população adulta/IBGE, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 1, n. 01, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>. Acesso em: 1 dez. 2023.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad: M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972], 2008.

LIBI, Fred; VIP, Angelo. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.

LIMA, Décio M. de. **Os homoeróticos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LINGUISTAS **gringos elegem quais expressões do Pajubá são mais peculiares**. [S. l.], 16 jun. 2020. Disponível em: <https://gay.blog.br/noticias/linguistas-gringos-elegem-quais-expressoes-do-pajuba-sao-mais-inusitadas/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

MATTOSO, J. Câmara Jr. **Dicionário de linguística e gramática**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAJUBÁ. **Trava Língua Pajubá**. <https://www.letras.mus.br/pajuba/459077/>, 2006. Acesso em: 4 jun. 2023.

REIF, Laura. **Muito além do lacre**. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/conheca-as-raizes-historicas-e-de-resistencia-do-pajuba-o-dialeto-lgbt>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2 ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

VARIAÇÃO **linguística de estilo ou registro**. [S. l.], 1 dez. 2023. Disponível em: <https://azup.com.br/cursos/lingua-portuguesa-1a-serie-ensino-medio/modulos/variacao-linguistica/aulas/variacao-linguistica-de-estilo-ou-registro/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

WELLER, Wivian. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Org.) **Juventude e Ensino Médio**: Sujeitos e Currículos em Diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2014, p. 135-154.